

Sobre o Comum na Saúde Mental: Clínicas abertas de psicanálise no Brasil e uma ética do estar-junto

Ana Minozzo

Psicanalista e pesquisadora que vive em Londres, Reino Unido. Tem doutorado e mestrado em Estudos Psicossociais pela Birkbeck, Universidade de Londres, e atualmente é pesquisadora de pós-doutorado em Estudos Psicossociais na FREEPSY, na Universidade de Essex.

Raluca Soreanu

Professora de Estudos Psicanalíticos no Departamento de Estudos Psicossociais e Psicanalíticos da Universidade de Essex e psicanalista, membro do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro e do Site for Contemporary Psychoanalysis, Londres.

Resumo: A história política da psicanálise é marcada por uma tensão entre a reprodução da alienação, já amplamente criticada, e sua capacidade de abrir espaços radicais para repensar a subjetividade e praticar a coletividade. Esta pesquisa foca nos momentos em que clínicas abertas [*free clinics*] fugitivas são formadas, funcionando em atrito com o *establishment* psicanalítico e centradas na desindividualização e nas práticas *comuns* no âmbito clínico. Neste ensaio, as autoras acompanham clínicas abertas no Brasil, desde a década de 1970 até o presente. Estas são clínicas marginais e fronteiriças. Desenvolvendo um vocabulário para explicar o que as autoras chamam de "comum na saúde mental", elas atendem a cenas de fugitividade, à escuta territorial e a uma "corrupção" criativa da psicanálise e suas práticas convencionais. Em última análise, o que emerge é um conjunto de clínicas abertas autônomas, emancipatórias, onde a criatividade e a imaginação são potentes e os sintomas sociais se transformam em vínculos afetivos, comumente desencadeados.

Palavras-chave: estudos psicossociais, etnografia psicossocial, psicanálise, teoria social

"Não agonize, organize."¹ Em grupos ativistas e em certas perspectivas sociológicas, o que Eva Illouz chama de "culturas terapêuticas" são entendidas como formas individualizantes de abordar questões coletivas e amortecer as possibilidades políticas.² A psicologia como disciplina – e suas primas no que chamaremos de "disciplinas *psi*" (psiquiatria, psicanálise e psicoterapia) – não ofereceram muitas alternativas novas ou radicais. Em vez disso, como foi observado pelo menos no último século, tanto como discurso quanto como prática clínica, o campo *psi* parece refletir as demandas de um status quo hegemônico ao se engajar em uma forma particular de reprodução social individualizada. Nesse sentido, as "culturas terapêuticas" seriam a antítese da solidariedade, propondo, nos termos da feminista italiana Lea Melandri, "modificação pessoal" em vez de "revolução".³⁴ Modificação pessoal significa estar preso a uma noção de realidade como uma teia de

¹ Um lema da década de 1970 atribuído à ativista feminista negra dos direitos civis dos EUA Florynce Rae Kennedy (Busby, 2001). Veja também Braidotti, "Don't Agonize."

² Illouz, *Saving the Modern Soul*, 149

³ Melandri, *L'infamia originaria*, 130; 132.

⁴ Todas as traduções neste texto são nossas.

sonhos pessoais e projeções-introjeções, o que nos leva, na crítica afiada de Melandri, a um "idealismo" ancorado no jargão psíquico, apagando as diferenças materiais. Isso implica despolitizar a materialidade e a relacionalidade.⁵ O que, então, significaria uma prática psi revolucionária?

Para responder a essa pergunta, observamos que, nas fissuras do campo do cuidado psi, surgiu no Brasil uma rede fugitiva de clínicas psicanalíticas abertas e autônomas [*free clinics*], que começou na década de 1970 e ganhou mais consistência nos últimos anos. Ao chamá-las de "fugitivas", queremos dizer que são clínicas e projetos que não dependem das principais estruturas de formação e regulamentação do campo. O que desejamos argumentar neste artigo, ao apresentar aos leitores esse movimento potente, é que a historiografia psi oficial descartou um domínio de *comum* [*common*] nos cuidados de saúde mental. O marcador distintivo do comum da saúde mental, como mostraremos, é que os trabalhadores - clínicos e pacientes - reconhecem e trabalham com *fantasias inconscientes* e suas forças, enquanto pensam sobre sua organização coletiva, mas também sobre o social como um todo, de uma maneira que vai contra a corrente dos contextos institucionais. Em outras palavras, essa organização dos bens comuns não nega a força produtiva do inconsciente enquanto trata a diferença de classe, gênero e raça como seu terreno fértil. O fazer-comum, ou *commoning*, implica formas de política consciente, estratégias coletivas para construir a partilha e aumentar a consciência da importância política dos bens comuns. As perspectivas existentes sobre o *commoning* nos levam longe na compreensão do processo de construção de um espaço político em conjunto e a ética da relacionalidade nos atos de *commoning*. Nossa contribuição aqui é observar o que acontece quando os trabalhadores são capazes de mobilizar suas próprias fantasias e as dos outros enquanto se envolvem uns com os outros.

A seguir, propomos um vocabulário para articular o significado dos bens comuns da saúde mental. Nosso foco não está na produção de sintomas, mas nas possibilidades de escuta criadas por psicanalistas que trabalham em coletivos autônomos raramente

⁵ Melandri, *L'infamia originaria*, 27.

encontrados no Norte Global. Referimo-nos aqui a cenas de fugitividade, à escuta territorial e a uma "corrupção" criativa da psicanálise dominante. Entendemos a fugitividade, em diálogo com Fred Moten, como um conjunto de desejos que transgridem o próprio e o institucionalizado e se dirigem a um espaço "fora" do status quo psicanalítico.⁶ Seguimos "clínicas fugitivas" que historicamente não foram bem-vindas no sistema convencional de formação psicanalítica. Referimo-nos à "escuta territorial" para descrever uma prática psicanalítica radical que se imagina funcionando dentro de uma comunidade, ocupando espaço social, psíquico e geográfico, e que também implica a comunidade no ato de ouvir. Em outras palavras, a escuta territorial retrata a própria comunidade como agente transformador em relação ao sofrimento psíquico.^{7⁸} Como veremos, o território é muitas vezes uma periferia. Nossa terceiro termo nessa constelação, *corrupção*, refere-se ao nosso hábito de prestar atenção a práticas e formas de conhecimento psicanalítico que são impuras e que têm uma forte tendência a multiplicar as diferenças, inclusive valorizando as muitas formas de conhecimento da periferia. Como mostraremos, o que emerge na interseção da fugitividade, da escuta territorial e da corrupção da psicanálise é uma práxis psicanalítica anticolonial, capaz de abordar a violência racial e o sofrimento sob a ordem colonial.

Com base em pesquisas etnográficas e arquivísticas, reunimos vozes contemporâneas a partir de entrevistas com psiquiatras, pesquisadoras, psicanalistas e ativistas realizadas em 2023, e vozes históricas como a do psicanalista brasileiro Hélio Pellegrino. A voz de Pellegrino é importante porque ele trabalhou entre a psicanálise e o marxismo durante um período desafiador de ditadura no Brasil, mantendo uma tensão criativa entre materializar os comuns e permanecer curioso sobre a força do inconsciente. Engajando-nos com a pergunta de Elisabeth Roudinesco – a psicanálise pode sobreviver em tempos de falta de liberdade política? – mostramos que no Brasil ela não apenas sobreviveu, mas em alguns casos também criou formas de pensamento e prática que

⁶ Moten, *Stolen Life*, 131.

⁷ Estivalet Broide, *Desejos e poderes urbanos*, 27.

⁸ Broide, *A escuta nas ruas*, 133.

podem contribuir para um progressivo "abalo" da psicanálise e uma reconsideração mais ampla do significado de commoning.⁹ Aproximando-nos de nosso próprio momento histórico, mostramos como coletivos contemporâneos de psicanalistas promovem a revolução silenciosa da prática psicanalítica brasileira iniciada na década de 1970.

É na práxis da psicanálise, uma disciplina com suas próprias complexidades e paradoxos, que emergiu a possibilidade de *um encontro na diferença* e um estar-junto *da ordem do comum e não da identificação*. Tais constatações nos permitiram abordar as dificuldades da solidariedade por meio de uma ética que toma como ponto de partida a posição de que "estamos todos juntos nisso; mas não somos Um e o Mesmo."¹⁰ No Brasil especificamente, demonstraremos, a práxis anticolonial está no centro dos esforços coletivos para fazer novos usos da psicanálise, combinando a conscientização e a invenção inconsciente diante da violência estrutural. Em última análise, as questões que nos interessam são: Qual seria uma fantasia anticolonial na psicanálise? Como seria ela ancorada nas práticas sociais e clínicas? E para que tipos de saúde mental isso contribui?

Nas margens

Não é sempre que as pessoas associam a psicanálise aos bens comuns. O livro amplamente lido de Elizabeth Danto de 2005, *Freud's Free Clinics*, desafiou pela primeira vez a narrativa segundo a qual a psicanálise é inherentemente elitista. Danto documentou a vitalidade de espaços de atendimento como a Policlínica de Berlim, o Ambulatório de Viena e muitas outras clínicas na Europa e na América do Norte nas décadas de 1920 e 1930, rastreando o entendimento do Freud sobre a missão social da psicanálise até os primeiros dias da disciplina. O livro, traduzido para o português do Brasil em 2019, ressoou tão fortemente que quase todas as pessoas entrevistadas de nosso recente trabalho de campo o mencionaram. Muitas até trouxeram uma cópia impressa para suas entrevistas, como um "objeto de fronteira" que foi mantido, tocado ou olhado durante nossas reuniões. Era como se não estivéssemos sozinhas na sala, mas sempre

⁹ Roudinesco, "State of Psychoanalysis."

¹⁰ Braidotti, "'We' Are in *This* Together.", 465

acompanhadas pelos fantasmas auspiciosos dos psicanalistas radicais que vieram antes de nós.¹¹

A psicanálise, nessa versão radical de sua história, é, desde o início, uma prática marginal, uma forma de ouvir as vozes então marginais, silenciadas e segregadas em hospícios das mulheres histéricas do final do século XIX.¹² Essa prática, com raízes na Viena judaica, rapidamente se espalhou para lugares onde os discursos médicos "científicos" e a tecnologia alcançaram obstáculos. Tratamentos gratuitos organizados por meio de uma economia paralela de troca de "vouchers analíticos" (*Erlagschein*) que concediam acesso àqueles com recursos financeiros limitados, bem como facilitavam uma prática de ouvir pacientes em asilos e hospitais públicos, são todos rastreáveis às primeiras décadas da psicanálise. Este curioso pedaço de papel, o *Erlagschein*, estava em ampla circulação nos círculos psicanalíticos na década de 1930. Um psicanalista poderia endossar um voucher para uma clínica pública, como uma contribuição financeira mensal, doando seu tempo, em horas de tratamento, que normalmente se esperaria que eles fornecessem pessoalmente.¹³ Uma das consequências desse sistema de vouchers, usado pelo próprio Freud, foi que a clínica social foi sustentada pela comunidade psicanalítica em sua totalidade. Era como se a comunidade psicanalítica tivesse impresso seu próprio dinheiro e organizado seu próprio sistema alternativo de valores e redistribuição. Esses vouchers são os primeiros vestígios do comum na psicanálise. Tanto analistas quanto analistas em formação reconheceram desde o início que esse sistema alternativo de troca aumentava o acesso dos pacientes, mas também permitia aos analistas em formação um novo caminho, mudando profundamente a composição do campo.

O próprio Freud fala da missão social da então nova prática em seu artigo da Conferência de Budapeste de 1918, pouco antes do fim da Primeira Guerra Mundial, notoriamente "prevendo que em algum momento ou outro a consciência da sociedade despertará e lembrará que o pobre deve ter tanto direito à assistência para sua mente

¹¹ Star and Griesemer, "Institutional Ecology."

¹² Gabarron-Garcia, *Histoire populaire de la psychanalyse*; Gaztambide, *People's History of Psychoanalysis*.

¹³ Danto, *Freud's Free Clinics*, 1.

quanto agora tem à ajuda que salva vidas oferecida pela cirurgia". Na utopia de Freud, "tais tratamentos serão gratuitos" e os analistas "serão então confrontados com a tarefa de adaptar nossa técnica às novas condições", conscientes de que "muitas vezes, talvez, só possamos conseguir alguma coisa combinando assistência mental com algum apoio material".¹⁴ Não muito tempo depois, analistas como Otto Fenichel, e até mesmo o mais famoso Wilhelm Reich, que mantinham posições socialistas firmes e abertas, tiveram experiência em primeira mão da prática transnacional, trabalhando em condições difíceis, respondendo com criatividade tanto teoricamente quanto na abertura de clínicas sociais não convencionais enquanto o antisemitismo ganhava força ao seu redor, antes de serem forçados ao exílio. A Policlínica de Berlim e o Ambulatório de Viena registraram ter oferecido tratamento a cerca de 1.500 pacientes no período de 1920 a 1938, incluindo cerca de quarenta pacientes em tratamento psicanalítico gratuito a qualquer momento. Enquanto isso, na América Latina, Marie Langer, que primeiro foi ao Uruguai e à Argentina para escapar da perseguição nazista, mas depois teve que fugir da junta militar argentina, propôs uma práxis marxista-feminista de emancipação em grupos analíticos já na década de 1950.¹⁵

Para dar sentido a essas primeiras cenas da prática psicanalítica, nos voltamos para a ideia de Fred Moten do "fugitivo". Para Moten, "a fugitividade... é um desejo e um espírito de fuga e transgressão do adequado e do proposto. É um desejo pelo exterior, por tocar ou estar do lado de fora, uma borda fora da lei própria da voz ou instrumento agora sempre impróprio. Isso quer dizer que ela se move fora das intenções de quem fala e escreve, saindo de sua própria adesão à lei e à propriedade".¹⁶ Nesse sentido, a fugitividade desafia fronteiras; rompe os cercamentos institucionais do status quo psicanalítico e sua obsessão histórica em demarcar o que é psicanálise ou não é – apropriada, ou não. As primeiras "clínicas fugitivas" surgiram justamente como resultado de esforços para escapar de um processo de institucionalização, iniciado com a fundação da Associação

¹⁴ Freud, "Lines of Advance," 166.

¹⁵ Plotkin, *Freud in the Pampas*, 64; Ryan, *Class and Psychoanalysis*, 61–63.

¹⁶ Moten, *Stolen Life*, 131.

Psicanalítica Internacional, IPA, em 1910. Desde então, um sistema internacional para regular a prática analítica e a formação está em operação, dando consistência ao que Pellegrino, médico, psicanalista e intelectual público de esquerda, chamou de "*establishment psicanalítico*". Esse establishment, escreve ele, guardava os "interesses das classes dominantes", entendendo mal o projeto psicanalítico, respondendo com suspeita a qualquer tentativa de trabalhar psicanaliticamente para abrir um espaço para ouvir as experiências de sofrimento dos pobres, trabalhadores e marginalizados.¹⁷ O próprio Pellegrino foi perseguido e expulso da IPA no Rio de Janeiro em 1981. A instituição, que prosperou em nome da "neutralidade política" durante as décadas de ditadura militar no Brasil, não agiu no infame caso de um analista que colaborou com o regime opressor como perito médico, tornando-se de fato um auxílio à tortura estatal.¹⁸ Pellegrino, que já era uma "pedra dentro do sapato", como diz o ditado popular brasileiro, denunciou a violência de tal postura em público.

Em nossa pesquisa de arquivo,¹⁹ nos propusemos a seguir os passos de Pellegrino e reconstruir a constelação de práticas comuns das quais ele participou. Descobrimos que Pellegrino, em colaboração com Katrin Kemper e um grupo de outros quatorze analistas, criou uma clínica experimental – a Clínica Social do Rio de Janeiro no auge da ditadura militar brasileira, no início dos anos 1970. A clínica, que permaneceu aberta até a década de 1990, foi a primeira clínica pública fugitiva do país. Embora a psicanálise tenha sido praticada por psiquiatras em alguns hospitais públicos desde pelo menos a década de 1920, foi somente com a Clínica Social que uma crítica à violência perpetrada pelas instituições da psicanálise e do Estado começou a ressoar.²⁰ Pellegrino foi um dos vários analistas, artistas, pensadores e ativistas presos, perseguidos, torturados ou assassinados

¹⁷ Pellegrino, "Ontem."

¹⁸ Oliveira, "Sob o discurso"; Lima, "A psicanálise."

¹⁹ Tivemos a sorte de ter acesso ao arquivo de Hélio Pellegrino, composto por cartas, escritos publicados e inéditos e anotações pessoais, localizados no Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, instituição pública. Agradecemos à Dra. Larissa Leão de Castro e Antonia Pellegrino, bem como à equipe dos arquivos pelo apoio à nossa pesquisa. Também tivemos acesso aos arquivos particulares e à biblioteca do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro e agradecemos o apoio à nossa pesquisa.

²⁰ Oliveira, "Os primeiros tempos."

durante esses anos no Brasil e na vizinha Argentina, bem como no Chile e no Uruguai. A Clínica Social, nos primeiros dois meses, viu mais de quinhentas pessoas inscritas em sua lista de espera.²¹ Um dos primeiros projetos da clínica envolveu o trabalho no Morro dos Cabritos, uma favela próxima com dezessete mil moradores na época, localizada a apenas dois quarteirões do espaçoso endereço da clínica em Copacabana. A clínica também organizou grupos para crianças liderados por analistas que "não eram analistas", mas artistas, educadores, jornalistas e "até mesmo um designer de interiores". Seus esforços para a psicanálise comum os levaram a inventar um tipo de psicanálise adequada para o Brasil.²²

De acordo com um entrevistado que contribuiu para montar a clínica na década de 1970, mesmo no início, muitos pacientes se inscreveram para uma forma de tratamento que normalmente não podiam acessar. A clínica foi anunciada nos jornais locais, convocando esses novos pacientes e marcando sua existência publicamente. Segundo esse entrevistado, um comentário sarcástico apareceu em um dos jornais da época: "Psicanálise a preço de banana". Isso sugeria que algo na experiência psicanalítica havia sido desvalorizado quando ela foi acessível além das fronteiras usuais de classe e raça que o cercavam. O arranjo colonial se destaca: uma experiência que deveria ser privilégio do colonizador foi surpreendentemente aberta do outro lado da plantação, onde as bananas se acumulam.²³ Em seus escritos, desde seu trabalho publicado até notas manuscritas para palestras encontradas nos arquivos, Pellegrino enfatiza os problemas envolvidos na "relação mutuamente exclusiva entre a psicanálise e as favelas", acusando

²¹ Pellegrino, "História para debate", 4. Em uma entrevista de pesquisa realizada em abril de 2023 por Raluca Soreanu e Ana Minozzo, um dos primeiros membros da clínica observou que o número subiu para setecentos no terceiro mês.

²² Pellegrino, "História para debate," 5–7.

²³ É interessante notar como o tema das "bananas" reaparece no meio psicanalítico em meados da década de 1980, em um congresso lacaniano no Rio de Janeiro que levou a um rompimento com representantes europeus. O evento ficou conhecido como Congresso das Bananas de 1985. Ver Neto, *Do Congresso Psicanalítico da Banana*.

os psicanalistas de perpetuar a violência política e material com seu "elitismo".²⁴ Ele escreve: "Não existe privilégio sem despossessão".²⁵

Diante do alto número de pedidos recebidos, o coletivo da Clínica Social adotou o modelo de psicanálise em grupos, onde até dez pessoas podiam ser atendidas ao mesmo tempo. Havia algo profundamente importante nessa escolha, além de seu status de solução prática para o problema da demanda dos pacientes: ela permitiu que o sofrimento fosse coletivizado, colocando uma nova estrutura – um bem comum – entre o sofrimento individual e a violência social. Durante as ditaduras no Brasil e na Argentina, os grupos psicoterapêuticos tornaram-se uma das poucas formas de reunião coletiva permitidas pelos regimes. Há aqui uma nuance que gostaríamos de assinalar: enquanto tais grupos foram autorizados pelo regime para fins terapêuticos a operar com base em uma premissa medicalizada e politicamente neutra, o evento de um grupo psicanalítico dentro da Clínica Social foi em si mesmo politicamente investido. Nesse sentido, o grupo terapêutico tornou-se um meio furtivo de articular um laço social em falha – ou impossível.

A Clínica Social funcionava de acordo com um modelo econômico de "banco de horas"; cada membro do coletivo de analistas doava um número de horas semanais que eram redistribuídas. No início, a maioria dos pacientes eram estudantes de baixa renda e adultos da classe trabalhadora e seus filhos. "Os pobres", ou seja, 85% da população que vivia por um ano com menos de dois salários mínimos mensais na época, como Pellegrino escreveu em suas anotações pessoais,²⁶ não vieram em primeira instância, então a clínica foi até lá.²⁷ Em outras palavras, se deslocou até eles. Pellegrino escreve em suas anotações para um artigo de jornal de 1985: "A Clínica Social da Psicanálise começou, com o tempo, a repensar seu trabalho e nasceu a ideia de se trabalhar com grupos multiplicadores, sindicatos, associações de bairro, professores, etc., numa linha de prevenção ou profilaxia,

²⁴ Pellegrino, "As relações de excludência," 1, 12.

²⁵ Pellegrino, "Psicanálise e elitismo," 1.

²⁶ Pellegrino, "Experiência pioneira," 1.

²⁷ Pellegrino, "História para debate," 4.

embora haja, no nosso país, psicóticos sem nenhum tipo de atendimento ou simplesmente estão confinados em hospitais-depósitos". Foi utopia, um sonho, um devaneio tudo o que se pensou e se discutiu, nesses doze anos [até então] de experiência? "Se o pobre não veio à Clínica, ela tentou ir a ele."²⁸ Um aspecto importante dessas atividades foi o compromisso de criar uma clínica que não fosse um lugar de "caridade", onde o analista mais rico gastaria algum trabalho. Em vez disso, escreveu Pellegrino, "uma clínica social da psicanálise, pela própria natureza da ciência que lhe serve de embasamento, ao servir a pobreza terá que perguntar-se sobre as razões sociais e políticas que tornam a pobreza uma secreção inevitável do capitalismo".²⁹ A política estava no centro de seus esforços, e eles perguntaram o que mantinha o status quo e quem pagou o preço pela reprodução social colonial-capitalista e como. Pellegrino chamou isso de "pacto edipiano e pacto social", como no título de um artigo de jornal publicado na *Folha de São Paulo* em 1983.³⁰ Aqui, Pellegrino faz uma importante intervenção nos debates sobre os discursos psicanalíticos pós-freudianos então populares no Reino Unido, na América do Norte e além, que tendiam a subsumir a experiência a fantasias internas. Um foco exclusivo nas fantasias internas e no "mundo interior" pode ser despolitizador, seja individualizando o conflito e a luta e, assim, ligando-os a uma constelação "interna" singular, seja atribuindo-os aos poderes invisíveis das "pulsões" e à tensão insolúvel entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Ambas as abordagens dificultam a explicação da violência estrutural.

Pellegrino, em vez disso, socializou o sintoma, desindividualizou-o, argumentando que, sob o capitalismo, o pacto social básico, pelo qual cada pessoa renuncia a uma parte de seu prazer para cumprir as obrigações sociais e o trabalho, é estruturalmente corrompido. Em troca dessa renúncia, é oferecido ao sujeito o direito de receber "um nome, uma afiliação, um lugar nas estruturas de parentesco, acesso à ordem simbólica, além de tudo o mais que permita que [eles] se desenvolvam e sobrevivam –

²⁸ Pellegrino, "História para debate," 4.

²⁹ Pellegrino, "Ontem," 3.

³⁰ Pellegrino, "Oedipal Pact."

vivam".³¹ Por meio da desigualdade social, esse pacto mutual é quebrado. Ou, dito de outra forma, o que é apresentado como um sistema bidirecional de direitos e obrigações funciona na prática como um sistema de extração unilateral. O que é importante aqui é que o capitalismo opera, de acordo com Pellegrino, mantendo uma fantasia de simetria enquanto suas assimetrias são de fato estruturais. Nas palavras de Pellegrino, há "luxo" e "lixo".³² A negação de tal assimetria ressoou nas críticas à Clínica Social pelo establishment, que questionava constantemente se o trabalho do coletivo em grupos ou na favela poderia ser chamado de "psicanálise real" de acordo com os padrões internacionalmente reconhecidos da IPA.

Voltemos ao deslocamento dos psicanalistas para longe de suas sedes e para as favelas. Esse movimento foi motivado principalmente pelo desejo de politizar a prática clínica e não se contentar em tratar apenas estudantes empobrecidos. Um participante se lembra de uma cena ao chegar ao *morro*. Em uma entrevista, ele nos diz:

Olha, nós temos um pedido aqui, nós precisamos de uma escada. Porque esse barro aí, ó, vocês viram como é que é difícil subir aqui se chove? Ninguém consegue subir aqui. Nos ajudem a fazer uma escada. Falamos: A gente pode ajudar, agora, nós não entendemos nada disso. Nós podemos ajudar com algum dinheiro, com algum pedido para vocês e tal, porque nós falamos de outro tipo de escada, que são as que estão lá na cabeça da gente, sabe? Que escorregam, a gente não consegue subir, por exemplo. Fala aí, ô fulano, que escada você podia ter na sua cabeça?³³

As escadas são polissêmicas. São meios de acesso, tanto materiais quanto simbólicos.³⁴ Nesse encontro entre os psicanalistas da Clínica Social e os moradores do morro, e por meio de um ato de escuta, as escadas não foram tratadas de forma redutora. Elas não foram reduzidas nem à sua dimensão simbólica (ou seja, meros significantes que aparecem no discurso do sujeito, representando algum desejo deslocado) nem à sua dimensão material concreta (ou seja, o desejo material de uma população "necessitada").

³¹ Pellegrino, "Oedipal Pact," 286.

³² Pellegrino, "História para debate," 1.

³³ Entrevista de pesquisa realizada em abril de 2023 por Raluca Soreanu e Ana Minozzo.

³⁴ Pellegrino, "História para debate."

Um espaço de fantasia surgiu entre essas dimensões, permitindo uma maior exploração e construção. Os psicanalistas perceberam a necessidade de ampliar sua escuta e adaptá-la às lutas do território em que se encontravam. Os moradores do morro perceberam que estavam dizendo e desejando mais do que pensavam inicialmente. É importante ressaltar que os psicanalistas não vieram com uma oferta definida de atendimento (ou com oferta de caridade, ou com algo para ensinar ou transmitir); em vez disso, eles levaram a sério as palavras e imagens criadas pelos próprios moradores, suspeitando que essas palavras tenham poderes transformadores.

Essa experiência com várias formas de escuta psicanalítica andou de mãos dadas com a criação de momentos de convivência para o coletivo da Clínica Social e para os pacientes ou grupos que estavam sendo ouvidos. Sabemos por nosso entrevistado que o reconhecimento da imagem polissêmica das "escadas" – com sua conexão com a luta cotidiana dos pobres e sua forma de marcar a presença da hierarquia social – levou a novos engajamentos produtivos entre psicanalistas e moradores da favela. O indizível tornou-se dizível. Tópicos difíceis poderiam ser examinados, como o direito à cidade e, além disso, quem poderia falar e em que condições. Essa maneira de conectar a materialidade e as condições de possibilidade de acesso a um espaço simbólico oferece um exemplo poderoso de como o "social" e o "clínico" foram articulados neste experimento.

Não podemos perder de vista que isso aconteceu apesar do terror de uma ditadura que durou até 1985. Mas os bens comuns da saúde mental que emergem na análise individual ou na análise de grupo, ou nos grupos ao redor da clínica, foram o resultado de esforços para criar um futuro, e não apenas uma resposta à ditadura. É nesse sentido que o legado da Clínica Social ainda está vivo, como veremos na próxima seção. A memória da Clínica Social foi forte e contribuiu para a formação das gerações de clínicos psi que vieram a seguir.

Commoning o Cuidado: Permanecendo com o Inconsciente

Esses esforços, em termos políticos, filosóficos e psicanalíticos, escaparam e ultrapassaram uma relação dialética com um regime Imaginário-Simbólico. Simplificando, eles implicavam invenção e não apenas reação. E é nesses momentos de excesso e invenção que a saúde mental *comum* continua a viver. Além disso, é nesse excesso, nesse não-ajuste ou não-espelhamento, que uma transformação do status quo sevê, fora do alcance do establishment. É um compromisso de "inventar novos mundos" que persiste e alimenta a vibração atual das clínicas abertas contemporâneas no Brasil.³⁵

Silvia Federici faz um ponto relacionado:

os comuns, em essência, representam o reconhecimento de que não vale a pena viver em um mundo hobbesiano, no qual uma pessoa compete com as demais e a prosperidade é conquistada à custa dos outros — receita infalível para o fracasso. Esse é o significado e a força de muitas lutas travadas por pessoas de todo o planeta para se opor à expansão das relações capitalistas, defender os comuns existentes e reconstruir o tecido de comunidades destruídas durante anos de ataque neoliberal aos meios mais básicos de nossa reprodução.³⁶

Nesse sentido, quando falamos das possibilidades do comum da saúde mental, posicionamos a saúde mental dentro de uma matriz biopsicossocial que não é individualizante ou alienante, mas sim uma questão de modos de viver que existem e resistem no terreno, em cenas de prática fugitiva. O comum da saúde mental envolve formas de cuidado e tratamento que estão atentas ao que a máquina racial-patriarcal-extrativista-colonial-capitalista reprime, nega e exclui para permanecer operacional.³⁷ Formas de escuta, formas de cuidado, portanto, são questões micropolíticas – ao mesmo tempo materiais e psicológicas, preocupadas com (re)produções sociais e subjetividades.³⁸

³⁵ Besoain, “Colectivizar, desestabilizar, testimoniar.”

³⁶ Federici, *Reencantando o Mundo*, 26.

³⁷ Santos, *Por um fio*; Faustino, *Frantz Fanon*.

³⁸ Rolnik, “As aranhas”; Guattari, *Three Ecologies*.

Na teoria social e política, o comum é um nome para recursos compartilhados que são gerenciados, produzidos e distribuídos por meio da participação coletiva e da imaginação, de uma forma que foge da lógica da propriedade público-privada e estatal-pública.³⁹ No trabalho do historiador Peter Linebaugh, "comum" é principalmente um verbo, a prática de *commoning*, em vez de uma alocação de recursos ou conjunto de relações estáticas.⁴⁰ Embora existam relatos de *commoning* que são específicos de uma variedade de movimentos sociais, dos zapatistas aos Indignados e Occupy, o comum da saúde mental permanece inexplorado.⁴¹ As clínicas abertas no Brasil estão fundamentadas na participação comum de todas as pessoas, na horizontalidade, no pluralismo e na abertura, semelhante a outros bens comuns políticos.

O que é o comum da saúde mental à medida que toma forma nas clínicas psicanalíticas gratuitas? O *commoning* da saúde mental é o trabalho de tecer e sustentarativamente comunidades de colaboração e ação em torno do sofrimento psíquico e do inconsciente. Implica resistência às oposições entre mente e corpo e idealismo e materialismo.⁴² Os trabalhadores das clínicas abertas incluem clínicos e pacientes. Esses dois tipos de trabalhadores não ocupam a mesma posição no espaço clínico, mas ambos estão envolvidos na deshierarquização da relação analítica. Os trabalhadores fabricam e usam recursos e bens criando coletivamente as regras para sua produção e uso, improvisando e revisitando essas regras de forma contínua, em resposta a situações socioecológicas particulares (como a ditadura militar no Brasil, para dar um exemplo histórico, ou a pandemia de COVID-19, para considerar um exemplo recente).

Trata-se, então, de uma espécie de fazer-comum que vê o inconsciente, suas formações e reverberações, como produtivos: produtivos de organização política e de modos de se relacionar, mas também de impasses e de formas de esquecimento. Os

³⁹ Ostrom, *Governing the Commons*; Hardt and Negri, *Declaration*; Benkler and Nissenbaum, “Commons-Based Peer Production.”

⁴⁰ Linebaugh, *Magna Carta Manifesto*.

⁴¹ Hage, “Critical Anthropological Thought”; Lorey, “2011 Occupy Movements”; Graeber, *Democracy Project*.

⁴² Miñoso, “Why We Need Decolonial Feminism.”

psicanalistas da clínica aberta que estamos discutindo compartilhavam a crença de que, oferecendo psicanálise gratuita ou de baixo custo, sentando-se juntos em grupos ou caminhando pelas favelas, eles poderiam se aproximar dessa produtividade do inconsciente, ou remover bloqueios, consertar rupturas, restabelecer os bens comuns e povoar o mundo com novas relações sociais. Em outras palavras, eles poderiam construir escadas, daqui para lá, de lá para cá.

Estamos também lidando com uma espécie de *commoning* que reconhece que, mais cedo ou mais tarde, o inconsciente produzirá sintomas, repressões, impasses. Para atravessá-los, é necessário um método coletivo, que se baseia no trabalho inconsciente. Por meio desse trabalho, o coletivo pode sobreviver a momentos de ambivalência. Ou seja, pode para um futuro possível, sem garantias, sem cercamentos que prometem uma vida sem impasses, facilitada pela identificação institucional.

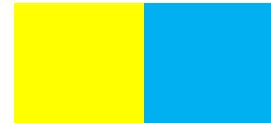
Nas clínicas abertas fugitivas que vieram depois da Clínica Social, os psicanalistas se conectaram em alianças através da ambivalência, e não por meio de identificações harmoniosas. Já na Clínica Social, os analistas pertenciam a diferentes tradições teóricas, freudianas, kleinianas e lacanianas, mas estavam dispostos a "afrouxar seu objeto", a própria psicanálise objetal, para que pudessem trabalhar juntos em um coletivo heterogêneo.⁴³ Ainda hoje, os comum da saúde mental opera na "duração",⁴⁴ na normalidade do trabalho cotidiano, na manutenção de um espaço, no acolhimento dos pacientes, nas práticas contínuas que se repetem e se sustentam para produzir novas formas de viver.⁴⁵ Nesse sentido, eles estão "ficando com problemas", apontando possibilidades de solidariedade que não exigem varrer, reprimir ou negar as diferenças.⁴⁶ Nos arquivos de Pellegrino, encontramos um livro de edição limitada com todos os artigos de uma série de conferências organizadas pela Clínica Social sobre o tema "Psicanálise e Política", e a gama de abordagens é significativa, a nosso ver. A série reuniu

⁴³ Berlant, *On the Inconvenience*, 12.

⁴⁴ Berlant, *On the Inconvenience*, 19.

⁴⁵ Soreanu and Minozzo, "Manifesto for Infrastructural Thinking".

⁴⁶ Haraway, *Staying with the Trouble*.



analistas de grupo, sociólogos, lacanianos, feministas, junguianos, marxistas e psiquiatras. Tais diálogos ainda são raros até hoje.⁴⁷

Crises, críticas, corrupção e colonialidade

A chegada da psicanálise ao Brasil e à América Latina carrega consigo os paradoxos da colonialidade. Por um lado, a IPA enviaria analistas didatas aprovados e escolhidos, ou aqueles com classificação alta o suficiente para serem capazes de ensinar outros através da análise pessoal, para cidades fora da Europa. Este foi um método não apenas para a expansão do empreendimento analítico, mas também para sua sobrevivência, dada a perseguição de seus muitos membros judeus (e alguns esquerdistas) por estados fascistas na Alemanha, Áustria e Hungria. Por outro lado, uma vez que a prática da psicanálise chegou ao exterior, ela foi recebida e transformada de várias maneiras.

Em 1981, em um momento de confronto entre forças conservadoras e progressistas, Pellegrino e seu colega Eduardo Mascarenhas foram expulsos da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) por criticarem aqueles que chamavam de "barões da psicanálise". Isso levou a um confronto público, dividindo o campo em linhas políticas.⁴⁸ De acordo com as complexidades da condição pós-colonial do Brasil, a psicanálise sempre foi plural e esteve em um estado de constante "corrupção". Por corrupção, entendemos, com Fred Moten e Stefano Harney, "o comprometimento da pureza", característica que pudemos observar historicamente e no campo contemporâneo de nossa investigação.⁴⁹ Moten e Harney ressaltam a dupla natureza da corrupção, que é, por um lado, uma força de repetição e, por outro, uma forma de criar diferença. Eles escrevem: "O paradoxo da corrupção política é que ela é a modalidade pela qual a institucionalidade brutal é mantida. O paradoxo da corrupção biosocial é que ela constitui a preservação militante de uma capacidade geral e geradora de diferir e

⁴⁷ Almeida, *Simpósio psicanálise e política*.

⁴⁸ Pellegrino, "Crise SPRJ."

⁴⁹ Moten and Harney, *All Incomplete*, 160.

difundir.⁵⁰ No caso de clínicas psicanalíticas abertas, apenas muito poucas daquelas que observamos funcionam dentro da vida institucional convencional. Vemos, assim, uma abertura à coletividade e um interesse em estar em um grupo autônomo como um pilar desse movimento. Essa versão de corrupção, para Denise Ferreira da Silva, envolve "implicar-se na constituição de tudo".⁵¹ Nesse sentido, não bastava "apenas" criar algo como a Clínica Social; também era importante falar contra a "perversão" do establishment, sua traição às ideias de Freud, como diz Pellegrino.⁵² O *commoning*, portanto, também implica uma intervenção no discurso, que abre espaço para que novos atores surjam no campo da práxis psi.

A psicanálise, embora sendo marginal à bio-medicina de então e agora, e, como escreve Edward Said, sendo "não europeia" à sua maneira, chegou à América Latina sob a égide de um discurso clínico europeu.⁵³ Não surpreendentemente, ganhou força entre as elites da região (principalmente brancas). No entanto, logo foi incorporado à atividade intelectual e política local, transformado em uma ferramenta para pensar sobre colonialidade, racismo, patriarcado e desigualdades, às vezes à frente de conversas semelhantes no Norte Global. Lélia Gonzales, intelectual e ativista feminista negra, apresentou seu influente artigo "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira" em uma série de palestras organizadas pela Clínica Social, apresentando-o em 22 de outubro de 1980, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nele, Gonzales escreve que agora "o lixo vai falar, e numa boa" contra a neurose racista do Brasil.⁵⁴

O que observamos em nosso trabalho de campo é a presença de algumas "fissuras" que permitiram o surgimento de uma práxis transformada e politicamente implicada. Tal práxis não foi apoiada por versões institucionais ou oficialmente regulamentadas da psicanálise. Isso, como argumentamos, é uma característica de um comum de saúde

⁵⁰ Moten and Harney, *All Incomplete*, 160.

⁵¹ Ferreira da Silva, foreword, 7.

⁵² Pellegrino, "Psicanálise e elitismo," 3.

⁵³ Plotkin and Honorato, *Estimado Doctor Freud*; Said, *Freud and the Non-European*, 10, 24.

⁵⁴ Gonzales, "Racismo e sexism," 158.

mental: sua incompletude e seu funcionamento dentro das fissuras da prática convencional. Nesse sentido, é óbvio que no campo psi no Brasil, as contradições e a colonialidade ainda vivem. Ao mesmo tempo em que algumas clínicas livres contemporâneas são organizadas para oferecer espaços para uma compreensão coletiva da violência racista – por exemplo, o importante coletivo Margens Clínicas e o pioneiro Instituto AMMA de Psique e Negritude, em São Paulo –, há um impulso para ir além do que já encontrou seu caminho para o cânone dos textos psicanalíticos clássicos.

Um entrevistado com uma prática clínica e de pesquisa ativa relembra uma conversa com outro colega:

Tenho colegas muito implicadas nesse tipo de trabalho, mas que saem com frases assim... que eu fico achando muito curioso. Que é assim: “Ai, eu fui então numa tribo tal, indígena, e fui lá passar tanto tempo e conversei da *nananã e parará*, e aí me explicaram como era e como era aquilo lá”. Isso querendo ouvir o outro. E aí, depois ela falou assim: “Fulano me falou isso, isso e isso e eu disse, nossa, mas isso é profundamente freudiano”. E eu fiquei assim... ué, você foi lá para ouvir o outro, para ouvir Freud? Você só ouviu o Freud? E eu acho, esse tipo de situação muito impressionante, de uma certa postura psicanalítica que eu vejo em muitos. Não é assim a gente vai, [que] vamos ouvir o outro, se volta e diz: “Como Lacan disse, como Freud disse”. A gente repete, te encaixa. Isso me parece meio colonizador também.⁵⁵

Neste trecho, nosso entrevistado está contando a história de um falso deslocamento e de uma falha em ouvir: um colega seu percorreu todo o caminho até os territórios indígenas apenas para redescobrir o que já sabia – os ecos de textos psicanalíticos fundamentais e a voz de Sigmund Freud. Essas “viagens” do texto freudiano da Europa para as profundezas do Brasil podem de fato ser lidas como colonizadoras. No entanto, no campo, em várias clínicas livres, novas práticas estão surgindo, onde o discurso psicanalítico é tratado como poroso, flexível e capaz de aprender com outros discursos, em vez de defender o conhecimento predeterminado sobre as formações inconscientes. Em 2016, por exemplo, um grupo de analistas de São Paulo viajou quase três mil quilômetros até a cidade de

⁵⁵ Entrevista com participantes da pesquisa conduzida por Raluca Soreanu e Ana Minozzo em abril de 2023.

Altamira, na região norte do Pará, depois que um desastre ambiental devastou a população local após a construção de uma hidrelétrica nos cinco anos anteriores. O número de deslocados chegou a vinte mil; muitas dessas pessoas eram *ribeirinhas*, um povo tradicional da região Amazônica. O grupo, que incluía alguns analistas famosos – em contato com o governo federal, a liderança da comunidade local e organizações paralelas, como os Médicos sem Fronteiras – desenvolveu o que eles chamaram de Clínica de Cuidado. Diante de casas perdidas, "pescadores sem rio"⁵⁶ fadiga, doença e um enorme aumento no consumo de drogas e álcool, o grupo de analistas concluiu:

Para atender a essa comunidade de moradores sem bairro, famílias sem vizinhança e pescadores sem rio, inventamos a estratégia 'Clínica de Cuidado'. Um dispositivo clínico de atenção ao sofrimento psíquico, baseado no cuidado a esta população em estado de grave vulnerabilidade social, articulado a experiência territorial. Um modelo de atenção ao sofrimento psíquico que inclui dispositivos de cuidado abertos, no território, e respeitando as suas particularidades.⁵⁷

Essa "escuta territorial",⁵⁸ é essencial para qualquer esforço de comum ou de "compor na diferença", como enfatiza um entrevistado que atua em clínicas abertas antirracistas. No exemplo acima, as diferenças raciais, de classe e políticas regionais entre o grupo de analistas e os pacientes são significativas, como muitas vezes ainda são no Brasil e em outros lugares. Envolver-se com um território, então, significa permanecer aberto a uma complexidade, a paradoxos. O geógrafo brasileiro Milton Santos nos ensina sobre os vínculos entre essa compreensão do território e as possibilidades de solidariedade ao escrever:

Vivemos com uma noção de território herdada da Modernidade incompleta e do seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados. É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o

⁵⁶ Katz, "A clínica do cuidado," 27.

⁵⁷ Katz, "A clínica do cuidado," 30.

⁵⁸ Broide, *A escuta nas ruas*, 147

risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro.⁵⁹

Como Federici astutamente observa: "Não devemos presumir que, em um mundo governado por relações capitalistas, os comuns possam escapar ilesos de contaminação; elas nos lembram, porém, que os comuns existem em um campo de relações sociais antagônicas e podem facilmente se tornar meios que acomodam o status quo".⁶⁰ Nesse sentido, quando os psicanalistas agem "em solidariedade" em vez de "na alienação", o que eles oferecem é uma forma de testemunho, uma escuta "corruptiva" que engendra ulteriores articulações do que não cabe, nem mesmo nos textos de Freud, mas carrega a dimensão inconsciente em sua polivocalidade.

Podemos delinear um mapa conceitual para pensar esses esforços de solidariedade e do comum. A fugitividade é a orientação para o exterior na práxis psicanalítica. A escuta territorial aponta para a orientação dessa práxis para a comunidade e seu compromisso de envolver a comunidade no enfrentamento do sofrimento. Aqui, a atenção às formas periféricas de vida é crucial. A corrupção é a tendência da práxis de se pluralizar, inclusive mantendo o interesse pelos saberes que emanam da periferia. Argumentamos que, primeiro, um coletivo, desertando do mainstream, torna-se fugitivo. Em seguida, o coletivo se aproxima do território (uma formação psicossocial-geográfica) pela escuta, ao mesmo tempo em que enriquece sua própria escuta ao se envolver com o território. Então, à medida que o território passa a informar a práxis psicanalítica, os trabalhadores desse coletivo aprendem a suportar e até mesmo a aumentar a corrupção do mainstream, e surge uma nova psicanálise alternativa e inherentemente radical.

Ondas e teias

Em nosso trabalho de campo, conversamos com analistas e acadêmicos que estudaram e se formaram como clínicos ao longo de várias décadas, membros de diferentes gerações

⁵⁹ Santos, "O retorno do território," 255.

⁶⁰ Federici, *Reencantando o Mundo*, 36.

conectados por meio de uma teia *subcomum* de práxis fugitiva. O que é aparente é que figuras radicais agem não como mestres, mas como vetores, permitindo que um certo tipo de psicanálise corrompida, desobediente ou subversiva sobreviva.⁶¹ Em certo sentido, há gestos de solidariedade que atravessam gerações, desafiam as práticas de gatekeeping e se desdobram no campo, que resiste, tornando-se cada vez mais plural. Nas palavras de um entrevistado ativo em clínicas abertas, a experiência é a de fazer parte de uma onda coletiva e transgeracional: "Eu sou alguém com uma prancha em meio a uma enorme onda de muita gente que veio antes".

Uma analista formada no final da década de 1970 na Pontifícia Universidade Católica (PUC), do Rio de Janeiro, onde eram realizadas as conferências da Clínica Social que reuniam analistas de várias orientações e de vários grupos, lembra que o movimento estudantil universitário organizado ainda estava organizado dentro da instituição na época, sendo uma das últimas células do movimento estudantil oficialmente sob a ditadura. Na época, como lembrou a analista,

Pellegrino foi um expoente importantíssimo de uma visão clássica da psicanálise. Tive o privilégio de viver os anos 1970 e 1980 no auge desses debates... de sacudir psicanálise dessa poeira reducionista de uma clínica de interioridade, para pensar a produção do sujeito. Para mim, Hélio Pellegrino é fundamental porque foi um dos primeiros psicanalistas da minha geração, mestres dos meus contemporâneos, que abriu espaço para pensar em uma luta maior, pela existência.⁶²

Os psicanalistas, então, agiram no nível micropolítico, em alianças extra-institucionais, mas que exploravam uma "luta pela existência" coletiva. Algumas alianças parciais com instituições como universidades ou sociedades psicanalíticas formais eram possíveis, mas principalmente havia atrito com o establishment. Estratégias de corrupção foram exercidas, por exemplo, dentro do ativismo antirracista negro. Um analista mais jovem enfatiza: "Essas experiências que hoje eu faço parte, tanto na pesquisa quanto na clínica, são fruto de movimentos que vieram, ao longo de alguns séculos – mas que nas últimas

⁶¹ Cusicanqui, *A Ch'ixi World Is Possible*.

⁶² Entrevista com participantes da pesquisa conduzida por Raluca Soreanu e Ana Minozzo em abril de 2023.

décadas, é inegável, tem ganhado muita força dentro da psicologia e da psicanálise – a partir de uma série de desobediências, que foram insistindo para psicanálise escutar”.⁶³ Uma dessas “desobediências”, discreta, mas potente, estende a exigência de supervisão clínica durante a formação. Muitas vezes um aspecto caro do treinamento, essa troca com um clínico mais experiente é um espaço onde se aprende ser analista de forma ética. Nossa entrevistado relembra uma supervisão no início dos anos 2000:

[A psicanalista] Isildinha Baptista Nogueira foi a minha supervisora durante muitos anos. Eu encontro a Isildinha num evento preparativo para o primeiro PSINEP, que é o Primeiro Congresso no qual iriam se encontrar pesquisadores e pesquisadoras, psicólogas e psicólogos negros. A Isildinha faz uma mesa. Vai fazer parte de uma mesa no Conselho Regional de Psicologia e quando ela termina a mesa, eu já conhecia a tese dela [...] E aí foi primeira vez que eu a vi e quando ela sai ali do palco, eu vou lá, peço licença, cutuco. Ela foi muito acolhedora, me dá o número de telefone dela, fala: “Me procura no consultório”. Eu vou pro consultório dela e ela oferece supervisão gratuita. Ela me formou clínico nesses espaços de supervisão durante muitos anos. E ela dizia que uma série de pessoas fizeram os por ela, na França, pessoas brancas, inclusive, e ela fez o mesmo, muito generosa. Fez isso comigo, fez isso para mim e para o campo.⁶⁴

Fazê-lo “para o campo” é, então, um esforço solidário que, como nos diz essa vinheta, implica uma economia diferente para a transmissão do conhecimento, uma alternativa à privatização da acumulação. Essa lógica alternativa ameaçou o poder da IPA no Brasil quando a crítica teórica chegou à universidade pública na década de 1980, após a ditadura. Outro entrevistado relembra esse período de redemocratização nacional:

Certamente essa rebeldia e essa liberdade vão contribuir junto com todo esse movimento de esquerda e com a entrada de Lacan e de Foucault nas universidades. Roberto Machado [filósofo] está montando grupos de discussão sobre poder e controle, poder psiquiátrico. O Roberto Machado voltou da França. Foucault fica muito amigo do Roberto Machado, e tem um namorado brasileiro e ele vem sempre para o Brasil, para o Rio de Janeiro e

⁶³ Entrevista com participantes da pesquisa conduzida por Raluca Soreanu e Ana Minozzo em abril de 2023.

⁶⁴ Entrevista com participantes da pesquisa conduzida por Raluca Soreanu e Ana Minozzo em abril de 2023.

vai se criando um ambiente extremamente foucaultiano de debate [...]. Eu diria que esse movimento foi fermentando e o pessoal do Ibrapsi trouxe o Franco Basaglia, e trouxe vários intelectuais da anti-psiquiatria. Houve um evento aqui no na década de 70 que foi bastante explosivo, que teve efeitos importantes importantes.⁶⁵

O evento foi uma reunião de 1979 do Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), com uma lista de convidados que incluía Robert Castel, Félix Guattari, RD Laing, David Cooper e Thomas Szasz. Encontros como esse estavam entre as muitas conquistas dos profissionais de saúde mental (vários dos quais também eram psicanalistas) em seus esforços para criar a reforma psiquiátrica no Brasil, onde, até o final da década de 1980, instituições como o Asilo Barbacena – onde cerca de sessenta mil pacientes eram deixados para morrer – ainda operavam violentamente.⁶⁶ A teoria radical provoca uma mudança no campo da psi que reverbera no que podemos observar nas clínicas livres contemporâneas. No contexto da reforma psiquiátrica e da redemocratização,

As pessoas saíram das sociedades Ipianas de psicanálise e foram para as universidades. Na década de 80, na minha geração, a gente não fazia formação em sociedade. Isso era careta. Isso era quase covarde. Cada um tinha que ter a responsabilidade pelo seu processo analítico, procurar o seu analista, procurar o seu supervisor e fazer a formação teórica na universidade. As sociedades Ipianas tinham muita desconfiança com teoria, elas achavam que atrapalhava a técnica, que criava um intelectualismo que atrapalhava o processo analítico. Então todo mundo que estudava era visto com uma certa desconfiança. Não podia estudar muito porque isso ia atravessar o setting, né [risos]? Na década de 80 isso muda completamente. A geração mais jovem rompe e vai todo mundo para as universidades. Começa a se montar pós-graduações em teoria psicanalítica, em psicologia clínica, que é nada mais nada menos que psicanálise também, e esvaziam [as sociedades]. Quando a gente vê essas novas formas de atendimento, das clínicas de atendimento na

⁶⁵ Entrevista com participantes da pesquisa conduzida por Raluca Soreanu e Ana Minozzo em abril de 2023. Segundo esse entrevistado, e conforme registrado em boletim interno da Clínica Social de agosto de 1979, Foucault visitou a Clínica Social em seus primeiros anos de atividade (Clínica Social de Psicanálise). *Boletim informativo II*, agosto de 1979).

⁶⁶ Amarante and Nunes, “A reforma psiquiátrica.”

rua, isso é uma coisa incrível, é completamente novo. Mas eu acho que há um caminho que possibilita que isso seja reinventado de alguma forma.⁶⁷

Para resumir, o que observamos é que um elemento central do *commoning* tem sido a criação de novas condições de possibilidade para o campo da psi e para a sociedade em geral. Com as rupturas do establishment psicanalítico no início da década de 1970 e o consequente desafio à neutralidade política nos cuidados de saúde mental, toda uma geração de estudantes e clínicos em treinamento foi capaz de explorar a paisagem de uma "psicanálise à la Brasil".⁶⁸ Mais recentemente, surgiu uma rede de estudiosos, analistas e ativistas, formando a base para uma compreensão do que a transferência analítica e a ética do encontro psi podem ser no Sul Global.⁶⁹

Clínicas Livres Contemporâneas: Corrompendo a Psicanálise

Na última década, surgiram no Brasil diversas clínicas abertas autônomas. Vários grupos de analistas, em sua maioria mais jovens, começaram a oferecer sessões gratuitas (ou por taxas baixas) na rua ou em centros comunitários não ortodoxos, abordando, às vezes, formas particulares de sofrimento que se relacionam com a violência patriarcal, racista e capitalista do Estado em termos mais gerais. Alguns desses analistas, trabalhando no que sabemos ser mais de noventa coletivos espalhados por várias regiões, atribuem suas atividades à violência policial e à expropriação de casas associadas à Copa do Mundo de Futebol de 2014 e às Olimpíadas do Rio em 2016. Outros atribuem suas atividades ao crescente fascismo que atingiu o auge com a eleição do ex-presidente de extrema-direita Jair Bolsonaro em 2018. Outra ênfase compartilhada por vários de nossos entrevistados,

⁶⁷ Entrevista com participantes da pesquisa conduzida por Raluca Soreanu e Ana Minozzo em abril de 2023.

⁶⁸ Pellegrino, "História para debate," 5–7.

⁶⁹ Guerra, *Sujeito suposto suspeito*.

especialmente aqueles em contato com instituições de ensino e pesquisa, é que tais esforços estão ligados às políticas afirmativas de acesso às universidades públicas para estudantes negros, indígenas e mais pobres – uma medida de acesso reparador iniciada em 2012 e que garante 50% das vagas para estudantes desses grupos. A psicanálise, então, estudada na universidade em programas de psicologia, segundo nossos entrevistados, permitiu um novo questionamento de suas alianças com o que Pellegrino havia apelidado de "o establishment".

A paisagem de tais clínicas desafia a imagem de uma práxis restrita a uma clientela burguesa. Em vez disso, encontramos uma cadeira de praia, ao ar livre. Sem dinheiro. Ou um pote coletivo de dinheiro. Pacientes encontrando um analista diferente a cada vez. Sessões no local onde aconteceu a violência policial racista. Intervisão em vez de supervisão clínica. Em todos esses cenários e empreendimentos, "o enquadre" é reformulado radicalmente. O que ocupa espaço não é um sofá, nem paredes, nem dinheiro e, como vimos em alguns grupos, nem mesmo um compromisso individual regular.

A forma de estar-junto praticada nas clínicas livres emergentes responde a uma ética afetiva que ressoa com a prática fugitiva do *commoning*: confrontar o sofrimento, a morte e a violência... o comum da saúde mental. Este comum não prescreve nem ensina os pacientes a viver. Permite encontros, ali mesmo, por enquanto, em sua singularidade e com o objetivo de sempre politicar. Esses coletivos, em sua pluralidade e diferenças – sem a pretensão de totalizar o cuidado, de fornecer um modelo único ou, em alguns casos, de durar muitos anos – oferecem um espaço onde pulsam a escuta, o testemunho e o trabalho, mas também formas criativas de resistir, sobreviver e viver. Aqui não é o analista ou o coletivo que dá ou ensina a vida; em vez disso, os analistas estão apenas interessados em ouvir e testemunhar as várias formas de vida não alienadas que mantêm mulheres, pessoas trans, negras, indígenas, pobres e periféricas à margem, não necessariamente interessadas no modo de vida do establishment dominante. Em vez de um "enquadre" no sentido psicanalítico clássico, o que observamos é a plasticidade de um dispositivo clínico

que está sintonizado com o território, sua reprodução e as possibilidades de fuga. Essas clínicas livres, à sua maneira, reinventam a psicanálise ao reinseri-la na materialidade de um mundo de diferenças.

Muito foi herdado do ativismo anticolonial e antirracista pela nova geração de praticantes de psy. Considere a prática do "aquilombamento", por exemplo, como observou Kwame Yonatan, um ator-chave no grupo Margens Clínicas e além, em São Paulo.⁷⁰ Historicamente, os negros brasileiros escravizados que escaparam a escravidão formaram *quilombos* como espaços de liberdade fugitiva onde a coletividade, a cosmovisão afro-brasileira e a terra estiveram do lado da vida.⁷¹ Fundando um espaço clínico aberto para aprendizado e troca com o projeto Aquilombamento nas Margens em 2019, Kwame escreve que "os quilombos foram os primeiros territórios de liberdade. Nesse sentido, [o objetivo do projeto] como dispositivo clínico é inventar linhas de fuga, saídas da colonização."⁷² Este projeto é uma entre muitas iniciativas que promovem a formação aberta de coletivos.

Desafiando o tipo inacessível de formação promovida não apenas por escolas conectadas ao IPA, mas também por centros lacanianos e independentes, a formação psicanalítica por meio de "intervisão" em vez de "supervisão" é promovida por muitos dos coletivos de clínicas abertas. Nesse sentido, estamos testemunhando não apenas uma expansão dos serviços clínicos oferecidos a comunidades marginalizadas, mas também uma prática de convidar os próprios pacientes a elaborar, por meio do uso de ferramentas psicanalíticas, as condições de subjetividade, violência estrutural e diferenças. O coletivo Psicanálise Periférica, também de São Paulo, por exemplo, oferece um curso de formação de baixo custo, com duração de dois anos, em "escuta analítica territorial". O coletivo coloca bem: "Este é [...] um convite para que a comunidade não só participe, mas também testemunhe nosso aprendizado, nossa formação e transformação enquanto agentes que exercem escutas do sofrimento psíquico informadas pela psicanálise e, principalmente,

⁷⁰ Santos, *Por um fio*, 144.

⁷¹ Bispo dos Santos, *Colonização*.

⁷² Santos, *Por um fio*, 148.

pelas críticas dos saberes oriundos de povos periféricos."⁷³ Portões foram abertos e, na psicanálise praticada nessas clínicas gratuitas no Brasil, o próprio campo da saúde mental se reinventa por meio de atos de comunalização, fugitividade, escuta territorial e "corrupção" criativa.

Do crítico ao clínico

No que reunimos em nossa pesquisa, e em contraste com as práxis clínicas hegemônicas, fica claro que o que fundamenta o movimento vibrante das clínicas livres no Brasil não é qualquer tipo de psicanálise, mas mais especificamente uma psicanálise que busca "articular em todas as suas atividades a dinâmica do desejo inconsciente e dos processos na estrutura social", como disse o psicanalista Gregório Barembli em seu discurso no evento da Clínica Social em 1980.⁷⁴ O que ressoa conosco aqui é a potência política de tais encontros clínicos e como eles têm desafiado e reinventado tanto o que é entendido como psicanálise quanto como o ato de *commoning*. Ao fazer isso, eles oferecem uma visão sobre as dificuldades, possibilidades e ética da solidariedade. Como Suely Rolnik astutamente nos lembra, rastreando essa percepção de volta a Freud, o dispositivo psicanalítico constitui, em princípio, um território-ritual de experimentação relacional que permite o acesso desobstruído aos afetos. Avalia os afetos coletivos, permitindo-nos produzir ideias sobre suas causas. Nesse processo, o sujeito pode construir um lugar menos submetido ao cativeiro da neurose.⁷⁵

O que as clínicas livres no Brasil vêm articulando, no entanto, não é apenas a possibilidade de um acesso menos sintomático ao próprio desejo. Isso nem sempre envolve desafiar a reprodução da alienação sociopolítica e, em certo sentido, é apenas

⁷³ Psicanálise Periférica (@psicanaliseperiferica) “Transformação Para Uma Escuta Analítica Territorial” é a proposta de formação do coletivo psicanálise periférica”. Instagram, 15, Janeiro, 2024.

⁷⁴ Barembli, “O Ensino,” 101.

⁷⁵ Rolnik, “As aranhas,” 318.

arranhar a superfície da violência social. Em vez disso, como um entrevistado coloca de forma sucinta, ao levar a clínica para a rua, "a questão não é apenas sobre a localização, a questão para nós é a capacidade de compor na diferença". Isso tem a ver com uma perspectiva teórica de tornar comum na diferença. Desse modo, os exercícios de escuta territorial demandam uma reinvenção de seus próprios meios como "efeitos dos agenciamentos coletivos de enunciação que emergem no encontro".⁷⁶ Nesses casos, os clínicos, articulados coletivamente em um coletivo clínico livre, são capazes de pensar o clínico e o político no mesmo pensamento. Ao fazê-lo, eles se tornam os agentes de uma perturbação criativa na casa das disciplinas psi, e eles vão além da modificação pessoal para o reino das práticas revolucionárias.

Relembrando o movimento de massa de sair às ruas para conversar com as pessoas sobre a votação do ex-presidente de ultradireita Bolsonaro em 2022, uma entrevistada conecta o espaço das clínicas com as ruas onde atuam, argumentando que os movimentos psicanalíticos no Brasil se tornaram movimentos revolucionários. Nossa participante nos diz: "Precisamos voltar à praça pública e nos abrir para falar com os outros. Ir à praça pública é um processo de escuta daquilo que é um excesso, um desperdício, na sociedade, é o outro... Acho que nossa sociedade precisa aprender a ouvir, a estar disponível, a desmantelar todos esses ambientes, não apenas os psicanalíticos... Não é apenas terapêutico, é político."⁷⁷ Nas experiências clínicas que recuperamos historicamente e testemunhamos no presente, nossos colegas e camaradas trabalham com pacientes e grupos marginalizados, mantendo-se dispostos a redesenhar a *maneira psicanalítica* de trabalhar com o inconsciente.⁷⁸ Mudanças no dispositivo psicanalítico ocorrem ao lado do renascimento de uma questão utópica: como pode uma sociedade ser menos alienada? E eles se abrem para outra questão, talvez mais específica, de acordo com o espírito dos bens comuns da saúde mental: como pode ser uma sociedade menos alienada se envolvermos a fantasia e o inconsciente na remodelação da sociedade? Esta pergunta não

⁷⁶ Rolnik, "As aranhas," 327.

⁷⁷ Entrevista com participantes da pesquisa conduzida por Raluca Soreanu e Ana Minozzo em abril de 2023.

⁷⁸ Rolnik, "As aranhas," 326.

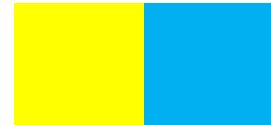
é respondida nas clínicas abertas de forma unívoca ou resolvida. Como mostramos, esses projetos inacabados, com sua ênfase no processual e no aberto, desafiam soluções universalistas e de tamanho único. São projetos situados, experimentais, inventivos, plásticos em sua precariedade. O que aprendemos com eles é que a solidariedade não é estática, mas fugitiva.

Agradecimentos:

Este trabalho foi apoiado por um UKRI Frontier Research Grant (ERC grant guarantee), The Engineering and Physical Sciences Research Council [número EP/X022064/1], título do projeto: 'FREEPSY: Free Clinics and a Psychoanalysis for the People: Progressive Histories, Collective Practices, Implications for our Times' (PI Raluca Soreanu). As autoras gostariam de agradecer aos membros da equipe FREEPSY, João Batista Lembí Ferreira, Matt ffytche e Joanna Ryan. As autoras agradecem também a seus entrevistados que compartilharam suas histórias, orientações e percepções.

Bibliografia

- Almeida, Katia Martins de. *Simpósio psicanálise e política*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1981.
- Amarante, Paulo, and Monica de Oliveira Nunes. "A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios." *Ciência & saúde coletiva* 23, no. 6 (2018): 2067–74.
- Baremblitt, Gregório. "O Ensino da Psicanálise, Sua Política." In Almeida, *Simpósio*, TK. 101-110.
- Benkler, Yochai, and Helen Nissenbaum. "Commons-Based Peer Production and Virtue." *Journal of Political Philosophy* 14, no. 4 (2006): 394–419.
- Berlant, Lauren. *On the Inconvenience of Other People*. Durham, NC: Duke University Press, 2022.
- Besoain, Carolina. "Colectivizar, desestabilizar, testimoniar: Apuntes sobre los Colectivos de Psicoanálisis en Brasil." *En el margen*, July 4, 2023.
<https://enelmargen.com/2023/07/04/colectivizar-desestabilizar-testimoniar-apuntes-sobre-los-colectivos-de-psicoanalisis-en-brasil-por-carolina-besoain-arrau/>.



Bispo dos Santos, Antônio. *Colonização, quilombos, modos e significados*. Brasilia: INCTI, 2015.

Braidotti, Rosi. “Don’t Agonize, Organize.” *e-flux Conversations*, November 2016. <https://conversations.e-flux.com/t/rosi-braidotti-don-t-agonize-organize/5294>.

Braidotti, Rosi. “We’ Are in *This Together*, but We Are Not One and the Same.” *Bioethical Inquiry* 17 (2020): 465–69.

Broide, Jorge, “A escuta nas ruas.” In *A Psicanálise na cidade*. Edited by Jorge Broide. São Paulo: Escuta, 2022. 133-162

Busby, Margaret. “Florynce Kennedy”. *The Guardian*, 10 January 2001.

<https://www.theguardian.com/news/2001/jan/10/guardianobituaries1>

Clínica Social de Psicanálise. *Boletim informativo II*, August 1979. Biblioteca do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

Cusicanqui, Silvia Rivera. *A Ch'ixi World Is Possible: Essays from a Present in Crisis*. London: Bloomsbury, 2023.

Danto, Elisabeth Ann. *Freud’s Free Clinics: Psychoanalysis and Social Justice, 1918–1938*. New York: Columbia University Press, 2005.

Estivalet Broide, Emília. “Desejos e poderes urbanos .” In *A Psicanálise na cidade*. Edited by Jorge Broide. São Paulo: Escuta, 2022.27-54.

Faustino, Deivison. *Frantz Fanon e as encruzilhadas*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

Federici, Silvia. *Reencantando o mundo: Feminismo e a Política dos Comuns*. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

Ferreira da Silva, Denise. Foreword to Moten and Harney, *All Incomplete*, 5–13.

Freud, Sigmund. “Lines of Advance in Psycho-analytic Therapy.” In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, 17:157–68. New York: W.W. Norton, 1919.

Gabarron-Garcia, Florent. *Histoire populaire de la psychanalyse*. Paris: La fabrique éditions, 2021.

Gaztambide, Daniel. *A People’s History of Psychoanalysis: From Freud to Liberation Psychology*. Lanham, MD: Lexington Books, 2019.

Gonzales, Lelia. “Racismo e sexismo na cultura Brasileira.” In Almeida, *Simpósio psicanálise*, TK. 155-180.

Graeber, David. *The Democracy Project: A History, a Crisis, a Movement*. London: Penguin, 2012.

Guattari, Félix. *The Three Ecologies*. London: Athlone, 2000.

Guerra, Andréa. *Sujeito suposto suspeito: A transferência psicanalítica no Sul Global*. São Paulo: N-1 edições, 2022.

Hage, Ghassan. “Critical Anthropological Thought and the Radical Political Imaginary Today.” *Critique of Anthropology* 32, no. 3 (2012): 285–308.

Haraway, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham, NC: Duke University Press, 2016.

Hardt, Michael, and Antonio Negri. *Declaration*. New York: Argo, 2012.

Illouz, Eva. *Saving the Modern Soul: Therapy, Emotions, and the Culture of Self-Help*. Berkeley: University of California Press, 2008.

Katz, Ilana. “A clínica do cuidado: Intervenção com a população ribeirinha do Xingu atingida por Belo Monte.” Paper presented at the conference “Psicanálise nos espaços públicos,” Instituto de Psicologia/Universidade de São Paulo, Brazil, March 21, 2018. http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/Psicanalise_espacos_publicos.pdf.

Lima, Rafael Alves. “A psicanálise na ditadura civil-militar brasileira (1964–1985): História, clínica e política.” PhD diss., Universidade de São Paulo, 2021.

Linebaugh, Peter, *The Magna Carta Manifesto: Liberties and Commons for All*. Berkeley: University of California Press, 2008.

Lorey, Isabel. “The 2011 Occupy Movements: Rancière and the Crisis of Democracy.” *Theory, Culture, and Society* 31, nos. 7–8 (2014): 43–65.

Melandri, Lea. *L'infamia originaria: Facciamola finita col cuore e la politica!* Milan: Edizioni L'Erba Voglio, 1977.

Miñoso, Yuderkys Espinosa. “Why We Need Decolonial Feminism: Differentiation and Co-constitutional Domination in Western Modernity.” *Afterall*, July 1, 2020. <https://www.afterall.org/articles/why-we-need-decolonial-feminism-differentiation-and-co-constitutional-domination-in-western-modernity/>.

Moten, Fred. *Stolen Life*. Durham, NC: Duke University Press, 2018.

Moten, Fred, and Stefano Harney. *All Incomplete*. Colchester, UK: Minor Compositions, 2021.

Neto, Fuad Kyrillos. “Do Congresso Psicanalítico da Banana à cisão de 1998: Deslocamentos traumáticos no lacanismo brasileiro.” *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental* 26 (2023): 1–22.

Oliveira, Carmen Lucia Montechi Valladares de. “Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação.” *Ágora* 5, no. 1 (2002): 133–254.

Oliveira, Carmen Lucia Montechi Valladares de. “Sob o discurso da ‘neutralidade’: As posições dos psicanalistas durante a ditadura militar.” *História, ciências, saúde—Manguinhos* 24 (2017): 79–90.

Ostrom, Elinor. *Governing the Commons*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Pellegrino, Hélio. "As relações de excludencia: Psicanálise e favela se excluem." n.d. Produção Intelectual. Rio de Janeiro: Arquivo Hélio Pellegrino. Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundação Casa de Rui Barbosa.

Pellegrino, Hélio. "Crise SPRJ—Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro." September 23, 1980, to March 14, 1981. Rio de Janeiro: Arquivo Hélio Pellegrino. Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundação Casa de Rui Barbosa.

Pellegrino, Hélio. "Experiência pioneira: Levar a psicanálise ao pobre . . ." n.d. Produção Intelectual. Rio de Janeiro: Arquivo Hélio Pellegrino. Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundação Casa de Rui Barbosa.

Pellegrino, Hélio. "História para debate." June 1985. Produção Intelectual. Rio de Janeiro: Arquivo Hélio Pellegrino. Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundação Casa de Rui Barbosa.

Pellegrino, Hélio. "Oedipal Pact and Social Pact (From the Grammar of Desire to Brazilian Shamelessness)." *Psychoanalysis and History* 22, no. 3 (2020): 279–90.

Pellegrino, Hélio. "Ontem, briga com Chaim lá em casa em virtude de sua." May 15, 1978. Produção Intelectual. Rio de Janeiro: Arquivo Hélio Pellegrino. Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundação Casa de Rui Barbosa.

Pellegrino, Hélio. "Psicanálise e elitismo." n.d. Produção Intelectual. Rio de Janeiro: Arquivo Hélio Pellegrino. Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundação Casa de Rui Barbosa.

Plotkin, Mariano Ben. *Freud in the Pampas: The Emergence and Development of a Psychoanalytic Culture in Argentina*. Palo Alto, CA: Stanford University Press, 2001.

Plotkin, Mariano Ben, and Mariano Ruperthuz Honorato. *Estimado Doctor Freud: Una historia cultural del psicoanálisis en América Latina*. Buenos Aires: Edhasa, 2017.

Psicanálise Periférica. (@ psicanaliseperiferica) ““Transformação Para Uma Escuta Analítica Territorial” é a proposta de formação do coletivo psicanálise periférica”.Instagram photo, January 15, 2024.

https://www.instagram.com/p/C2Ip02IPq3x/?img_index=1

Rolnik, Suely. "As aranhas, os Guarani e os Guattari: Por que importa ativar a força micropolítica do trabalho com o inconsciente?" In *Psicanálise e esquizoanálise: Diferença e composição*, edited by Anderson Santos. São Paulo: N-1 edições, 2022.269-332

Roudinesco, Elisabeth. "State of Psychoanalysis Worldwide Introduction to Estates General of Psychoanalysis." *European Journal of Psychoanalysis*, nos. 10–11 (2000). <https://www.journal-psychanalysis.eu/articles/state/>.

Ryan, Joanna. *Class and Psychoanalysis: Landscapes of Inequality*. New York: Routledge, 2017.

Said, Edward W. *Freud and the Non-European*. New York: Verso Books, 2003.

Santos, Kwame Yonatan Poli dos. *Por um fio: Uma escuta das diásporas pulsionais*. Curitiba: Calligraphie, 2023.

Santos, Milton. “O retorno do território.” *OSAL: Observatório de América Latina* 6, no. 16 (2005): 251–261.

<https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/osal/20110312110406/32Santo.pdf>.

Soreanu, Raluca & Ana Minozzo. “Manifesto for Infrastructural Thinking: Living with Psychoanalysis in a Glitch.” *Psychoanalysis, Culture & Society*, (2024).

Star, Susan Leigh, and James R. Griesemer. “Institutional Ecology, ‘Translations,’ and Boundary Objects: Amateurs and Professionals in Berkeley’s Museum of Vertebrate Zoology, 1907–39.” *Social Studies of Science* 19, no. 3 (1989): 387–420.